

1. Com base na sua experiência, por que você acha que Suzano está tão “preocupada” com a conservação e a biodiversidade?

As empresas de celulose e papel, sempre fizeram afirmações que não correspondem com a realidade. Vejo isso há quase trinta anos, mas o movimento histórico mostra que essa estratégia é gestada pelo modo de produção capitalista. Portanto, não é uma estratégia nova, sempre atuaram com notícias desconectadas da realidade. São peritos em maquiagem, e essas afirmações, de que o público aplaude a empresa Suzano, quando ela afirma que “tem mais florestas do que plantações”, são factoides, construídos com o objetivo claro de criar um clima favorável, em tempos de reflexões profundas a respeito de substituição de florestas nativas, por plantações de mercadorias e as consequências dessa atitude, para a humanidade.

É necessário que a Suzano diga de qual público, a empresa está falando. Trata-se, certamente dos associados e diretores, porque a comunidade regional já conhece a atuação delas, pois estão aqui há muito tempo. Não é possível, para uma empresa desse porte, se preocupar com conservação, ou biodiversidade. Basta olhar o movimento histórico para que essa conversa de “empresa” caia no descrédito.

Não é possível associar “conservação e biodiversidade”, se considerarmos que uma diversidade de vidas, (fauna, flora, solo, comunidades, etc.), foram dizimadas pela empresa, para dar lugar a uma única espécie de planta, o eucalipto. E, hoje, diante de tantas modificações de genes, não sabemos exatamente de qual espécie estamos tratando. E, a destruição continua, basta somar a quantidade de água do solo que é sugada diuturnamente por cada árvore, ou cerca de 1.500 árvores em cada hectare, num total de mais de um milhão de hectares com árvores de eucalipto. Soma-se a isso, cerca de 80 mil metros cúbicos de água por minutos para abastecer cada uma das duas fábricas na região. E, ainda acrescenta-se aqui, os diversos venenos que são utilizados sem tréguas, em cada fase da planta, para os diversos usos e modalidades e que são jogados sem tréguas, manualmente ou de avião. Ainda, ressalta-se, o empobrecimento do solo. Visto que “toda a vida em nosso planeta depende de um solo vivo: a água dos rios e poços, a vegetação, a saúde humana, os alimentos e mesmo o clima. A erosão, as enchentes e as desertificações tão frequentes hoje em dia são consequências de solos mortos¹”. E, somados a tantas maldades que as empresas como a Suzano promovem, acrescenta-se aqui as comunidades do campo, oprimidas pelo eucaliptal que não conseguem plantar alimentos saudáveis, pois, são periodicamente banhadas por venenos oriundos das plantações de mercadorias. Pois, as árvores de papel se alimentam ferozmente de venenos.

Portanto, conceitos como “conservação, biodiversidade” foram distorcidos, a ponto de não ser reconhecido pelas pessoas que vivem no entorno ou por qualquer pessoa sensata que conheça a região profundamente.

2. Na sua opinião, como uma empresa cujo negócio foi e ainda é uma causa direta do desmatamento em grande escala pode afirmar tão tranquilamente ser “líder em sustentabilidade”?

A construção de conceitos para manipular uma ideologia de sustentabilidade só existe nos textos das empresas e de seus aliados. E, são construções, que visam amenizar, perante determinados públicos, a crueldade das atuações de empresas como a Suzano. Essa crueldade perpassa por diversos momentos, a começar pela destruição da Mata Atlântica, um dos ecossistemas mais diverso do planeta!

E, já que trata-se aqui de uma opinião, vou trazer algumas reflexões, que penso ser pertinentes, para esse momento histórico. Diante dessa grande crise mundial, refletir em busca de novos rumos, creio ser importante. Apresento-me aqui como viajante desse tempo, diante desse passado-presente de expropriação da terra e das pessoas; de uma realidade de injustiça ambiental, onde também estou inserida e vivo as consequências nefastas do projeto Suzano e Stora Enso. Aproveitei o retiro forçado pela natureza, para pensar e sonhar com uma consciência local em direção ao global, mas sem intenção de esgotar o assunto ou imprimir como única verdade. Mas é algo que acredito ser saudável para o Sul e para o Norte, pois, verifica-se, com a situação global, trazido pelo Covid 19, que estamos todos e todas vulneráveis e que a economia não “salva” ninguém. E a natureza ensinou-me, nestes anos de pesquisa e vivência no entorno das plantações de eucalipto e outras monoculturas, que “praga”, não existe. O que existe é o desequilíbrio do ecossistema. À medida que vamos trocando a diversidade por (mono)culturas, com todo um pacote de insumos sintéticos, espalhadas pelo globo, vamos desequilibrando o ecossistema global e os patógenos se transformam. Ficam mais fortes e atacam as plantas e os animais, inclusive os humanos. E, com a experiência em projetos de Agroecologia, percebi, que neste sistema, todos os seres integram-se naturalmente, sem causar danos e o ecossistema se equilibra e fornece vida, vida em abundância e para todos os seres.

Assim, penso que um dos caminhos a considerar, é a Agroecologia. Agroecologia traz a saúde do corpo e da alma. Integra todos os sistemas e resolve o problema do clima e da fome do mundo. Inclusive a fome insaciável do ouro. Imagine a infinidade de produtos que a natureza nos fornece (frutos, flores, animais, beleza, são apenas alguns). Ela possibilita ecossistemas inteiros recuperados, água em abundância, comida sem veneno para todas e todos, beleza cênica, trabalho prazeroso para homens, mulheres e jovens e traz a solidariedade como preceito da vida; resgata os locais sagrados dos diversos povos, sustenta uma rede imensa de construção de vida com saúde e beleza. Incluo aqui a tecnologia e a ciência facilitando e inserindo novas perspectivas, reais e saudáveis, que incluam todas as culturas e formas de vida. Inclusive, sugiro que esse espaço, que é um espaço importante na luta para mostrar que esse projeto de sociedade, baseado em monoculturas, é excludente, e promove a desigualdade social intensa, que se traduz em necessidades básicas como comida e água para a maioria, incluam um espaço de divulgação de experiências globais nesta direção para fomentar a esperança das minorias, do campo e da cidade. Penso que já passou da hora, de empresas como a Suzano, Stora Enso e outras, com o seus vastos currículos de

expropriação da natureza e do homem, devolva o protagonismo a quem de direito, que são as pessoas e os territórios.

3. Qual é a estratégia da Suzano? O que essa empresa entende por “conservação”?

A Suzano afirma que “Na região, a empresa conta com mais de 50% das suas áreas direcionada à conservação de floresta nativa.”

Mas, é fácil mostrar que essa informação é falsa. Basta dar uma volta para verificar pela quantidade de plantação de árvores, entendida aqui como plantação de mercadorias, enfileiradas ao longo das rodovias e comunidades, e olhar a quantidade de Mata Atlântica visível. Ou através de imagens de geoprocessamento. Mesmo considerando os três Parques Nacionais de Conservação da Mata Atlântica, não chega ao percentual que a empresa propaga. Os três Parques, juntos não chegam a 100 mil hectares. O Parque Nacional Pau Brasil tem 19 mil hectares, o Parque Nacional Monte Pascoal, 22.383 hectares e Parque Nacional do Descobrimento, 21.213. Ou seja, juntos, somam 62.596 hectares de Mata Nativa. Enquanto a empresa Suzano e Stora Enso, juntas na mesma região dos Parques, o Extremo Sul da Bahia, possuem mais de um milhão de hectares de eucaliptos plantados.

A invasão, de grande parte do território, por Suzano e Stora Enso, fomenta os conflitos e os conflitos estão na raiz da formação do complexo de plantações de árvores, nesta região. São inúmeros conflitos decorrentes de disputas fundiárias que envolvem os povos nativos, quilombolas e pequenos agricultores sem terra. Forte lobby é mantido, no sentido de reprimir qualquer iniciativa de busca de direitos. A repressão é feita através de aparelhos de Estado, como a polícia ou os tribunais de Justiça. Qualquer iniciativa de defesa dos territórios por conta das comunidades é reprimida e lideranças são perseguidas. Essa estratégia, hoje se fortalece com a política de extrema direita instalada no País.

4. A situação melhorou desde que os supostos programas de conservação da empresa começaram a ser difundidos?

Certamente a situação seria bem melhor, se de fato a Suzano tivesse falando a verdade. Bom seria ter 50% de recuperação da Mata Atlântica. E bom pra toda a humanidade e não somente para a região. Nenhuma melhora é percebida pelos atores fortemente atingidos ou mesmo para qualquer visitante mais atento. Nestes tempos de crise a situação está mais tensa. As poucas Políticas Públicas para a população atingida pelo projeto de plantação de eucalipto, foram totalmente destruídos. Os pequenos agricultores não contam mais com apoio e fortalecimento institucionais. O que minimiza o problema são as iniciativas geradas pelos movimentos de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra, fundamentalmente o MST, que conta com diversos assentamentos e tem trabalhado incansavelmente em produzir alimentos. E alimentos saudáveis, agroecológicos, sem veneno. O MST

também está com um plano Nacional para recuperar áreas degradadas e na Bahia, o objetivo é plantar um milhão de plantas diversificadas, no sistema Agroecológico.

ⁱ PRIMAVESI, Ana. **MANUAL DO SOLO VIVO**. 2016. 2ª Edição revisada. Expressão Popular. São Paulo. 2016.